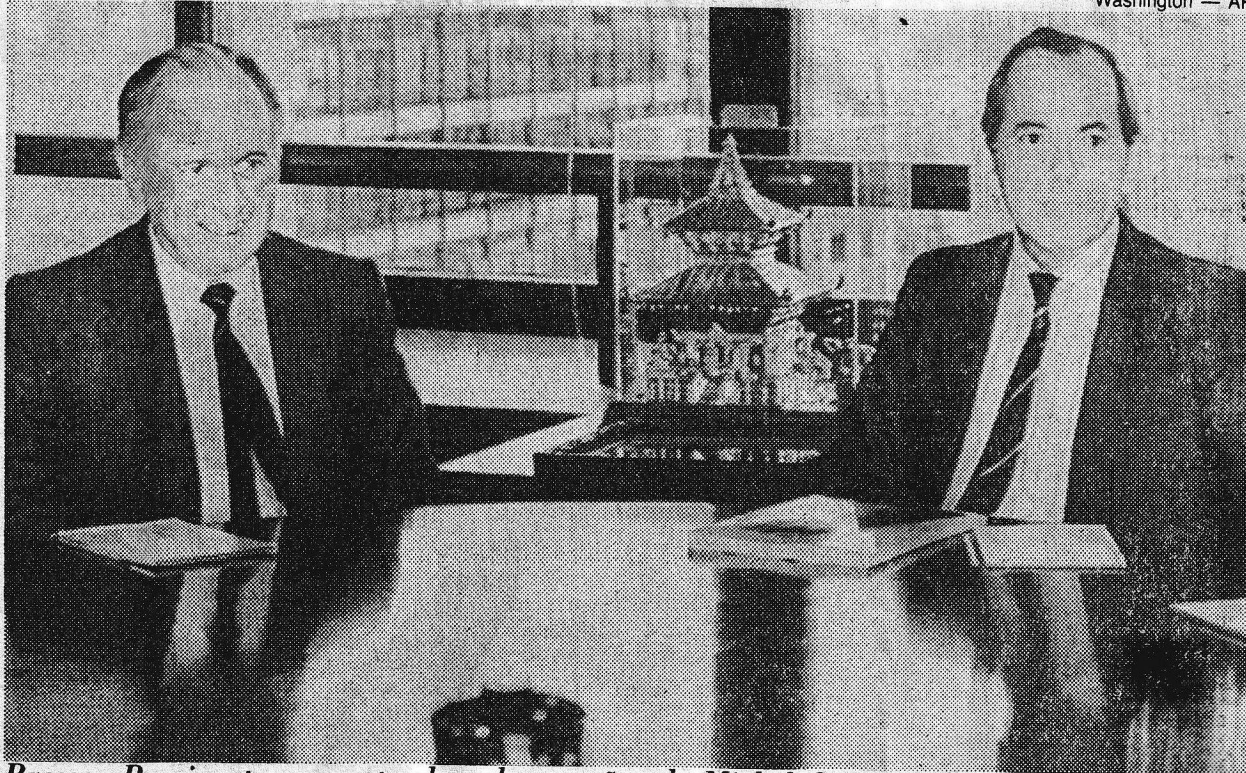




Bresser Pereira tomou nota das observações de Michel Camdessus, diretor do FMI

Baker não crê em sucesso do Brasil

WASHINGTON — O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, disse ontem ao ministro da fazenda Bresser Pereira não acreditar que o Brasil consiga um acordo com os bancos estrangeiros sobre a dívida externa sem entrar num entendimento prévio com o Fundo Monetário Internacional.

“Eles disseram que entendem nossa oposição e não se opõem a ela mas acham que não vamos conseguir”, disse Bresser Pereira ao sair de uma reunião no departamento do Tesouro. “Pois eu penso que é possível, não vejo nenhuma razão para não obtermos essa pretensão”, afirmou o ministro brasileiro.

Num dia de discussões intensas com o diretor-gerente do FMI, o secretário do Tesouro e o presidente do Banco Central americano, Bresser ouviu elogios ao Plano de Consistência Macro-Econômico, recomendações de maior austeridade orçamentária e insistentes apelos para que o Brasil mude de posição em relação ao FMI. Nesta manhã, o ministro tomará café em Nova Iorque com os presidentes de cinco grandes bancos americanos, faz um discurso sobre a política econômica na Americas Society e almoça com o novo presidente do Banco Central

dos Estados Unidos, Alan Greenspan.

Antes de viajar para os Estados Unidos, o ministro da Fazenda havia demonstrado a intenção de convencer o governo americano e os bancos particulares credores do Brasil a desistirem de sua exigência de um acordo prévio com o FMI. Bresser deixou claro que não conseguiu qualquer promessa de ajuda nas negociações com os bancos. Mas o ministro brasileiro não deu sinais de desistência. Seu antecessor no cargo, Dilson Funaro, enfrentou as mesmas resistências dos credores inicialmente mas eles acabaram sucumbindo às pressões brasileiras.

A equipe econômica parece ter percebido que precisa fortalecer sua posição negociadora por meio de clara melhora do desempenho econômico do país. Por causa disso está tentando ganhar tempo, adiando as negociações com os bancos estrangeiros enquanto acumula mais reservas de divisas estrangeiras e consolida seus avanços no combate à inflação. Por causa disso Bresser tem sido vago quando fala na data para abertura das negociações com os bancos, adiadas diversas vezes. Bresser Pereira chegou a Washington dizendo que elas começariam em um ou dois meses mas ontem já insinuava: “es-

ses prazos são muito flexíveis, não temos nenhuma pressa, podemos deixar para mais tarde”.

O ministro tem sido prudente para não fechar totalmente as portas a um acordo com o Fundo Monetário. Seus interlocutores no governo americano e no FMI deixaram claro sua falta de vontade de fazer concessões como no ano passado que, em vez de produzirem melhor cumprimento dos compromissos por parte do Brasil, acabaram com uma moratória que continua até agora. Bresser contou que o secretário do Tesouro descrevera os esforços para convencer os países membros do Clube de Paris a desistirem da exigência de um acordo com o FMI. “Um mês depois o Brasil fez a moratória de juros e ele ficou numa situação difícil”, disse o ministro.

Nas suas discussões, ontem, tanto Baker quanto Volcker disseram a Bresser que, se o Brasil quiser receber cerca de 1 bilhão de dólares anuais em empréstimos do Japão precisará ter um arranjo com o Fundo. Essa também é a condição para que organismos governamentais de financiamento de exportações como os Eximbanks estão fazendo agora para reabrir suas portas ao país. (R.G.)